

Ilustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha Assinatura conjunta do Século, Suplemento Humorístico do Século e da Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑA					
Anno.....	4\$800	Anno.....	8\$000	Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	2\$400	Semestre.....	4\$000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre.....	1\$200				

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE LITHOGRAPHIA E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43

A CEM METROS DO THRÔNÔ



Summario

Capa: NA PONTE DO SUL E SUESTE (Cliche de Benoit) • Texto: O ATTENTADO DE 1 DE FEVEREIRO, 22 illust. • A FERRO E FOGO: OS PRESOS POLITICOS, 7 illust. • ALTO CLERO, 4 illust. • UM POETA FIDALGO, 14 illust. • COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO, 17 illust. • A CORTE EM VILLA VICOSA, 9 illust. • HOMENAGEM AO CONDE DE FONTALVA, 4 illust. • UM QUADRO DO PINTOR SALGADO, 1 illust. • UMA EXCURSÃO SPORTIVA A MADEIRA, 4 illust. • • • • •

UM POETA FIDALGO



UM POETA FIDALGO ♣ A TORRE
DE PRATA DOS CAMARAS DE
LOBOS ♣ UMA ASCENDEN-
CIA SUMPTUOSA ♣ COMO
JOÃO DA CAMARA TERIA
SIDO FRADE ♣ FREI JOÃO
D'Nossa SENHORA ♣
MYSTICISMO E AMOR DOS
HUMILDES ♣ A OBRA DO
MYSTICO: MEIA NOITE ♣
A OBRA DO HUMILDE: A
TRILOGIA ♣ A OBRA DO
FIDALGO: D. FUS.



D. João da Camara (1907).
(PHOT. VIDAL & PONSERCA).

«Em campo ver-
de uma torre de
prata sentada sobre
um monte de sua côr, com um coruchêo
d'ouro e uma cruz no remate sobre o mes-
mo metal, entre dois lobos de sua côr arri-
mados á torre...»

Este, não, que não teve de inventar
um braço como Garrett. Era nobre como
os mais nobres, fidalgo como os mais fidal-
gos, e se quizesse, como o divino poeta do
Retrato de Venus, mandar gravar a Londres
um sinete d'armas,—tinha a torre de prata
dos Camaras de Lobos a afirmar-lhe, nos
tombos de família e no *Livro do Armeiro
Mór*, a sua nobreza secular. E entretanto,
se alguém de repente lhe perguntasse quaes
eram as côres e os metaes do seu braço,—
elle, o querido poeta, o grande distraído,
o eterno despreoccupado, talvez o não sou-
besse.

Descendente dos Donatarios e senhores
de Ponta Delgada e de Villa Franca, dos

commendadores de Ervagem e de S. Pedro
de Mugem, com uma ascendencia sumptuosa
de embaixadores e de ministros, de alcaides-
môres e de ouvidores geraes, filho e neto
dos marquezes e condes da Ribeira, com
Dom *de jure* e sangue real pelo cruzamento
com a estirpe illustre de Lafões,—o grande
poeta morto, como alguns filhos segundos e
terceiros das velhas casas nobres, aberrações
de humildade destinadas a povoar ás cellas



Uma scena da «Rosá Engatada»

(PHOT. FERNANDES).



Antonio G. Z. da Câmara,
João G. Z. da Câmara,
em 1863, (Cam-
pilde)

dos conventos de mendicantes, desprendido de mundanidades e de grandezas, teria sido frade se ainda houvesse frades, e sentir-se-hia feliz, imensamente feliz, amortalhado no escapulario dominicano de Frei Luiz de Sousa ou no burel capucho de Frei Agostinho da Cruz. Era por natureza um simples, um contemplativo, um religioso. Ferrosamente christão, á maneira sombria e piedosa dos velhos fidalgos portuguezes, estendeu, como Huysmans, á sua litteratura, a feição subtilmente catholica do seu espirito. A caracteristica ancestral da sua ascendencia fidalga, a «costella d'oiro», manifestava-se n'elle apenas pela extrema religiosidade, — uma religiosidade grave, taciturna, solemne, especial, como de quem, pelo direito do sangue, tivesse o privilegio de ajoelhar mais perto de Deus. De resto, ninguém suspeitaria n'essa figura simples, despreocupada, inculta e quasi plebea no aspecto, um Camara de Lobos, descendente dos sumptuosos alcaides de S. Braz. A sua natural e instinctiva attracção pelo povo, pelos pobres, fazia d'elle um fidalgo á maneira do marquez d'Angeja ou de D. Caetano de Bragança, — desprendido, como qualquer d'elles, de todos os preconceitos de sangue e de raça, capaz, como o primeiro, de beber pelo cangirão dos trabalhadores da quinta, ou, como o segundo, de pôr um barrete vermelho com os preceitos de um campino do Ribatejo. Podia ter ficado celebre por picar toiros, como o marquez de Castello Melhor, ou por



D. João da Câmara com sua esposa e filhos
(Grupo tirado em Torres Vedras no claustro do convento da Graça, em junho de 1887)



cantar o tado, como o conde da Anadia mas não;—o seu feitiço de filho terceiro de casa nobre impeliu-o para as letras, para a religião, para o estudo, para o recolhimento humilde de uma cela,—e foi poeta porque não poudo ser frade, e (elle proprio o disse a quem escreve estas linhas) chamou-se no seculo D. João Zarco da Camara, por não ter podido chamar-se na religião Frei João de Nossa Senhora.]

Estas duas características fundamentais da mentalidade do grande poeta morto documenta-as largamente a sua obra: as tendencias mysticas, a religiosidade sombria e complexa, lá estão no

Auto do menino Jesus e n'essa filha dilecta da *Cathedral* de Huysmans,—a *Meia noite*; do amor plebeu pelos simples e pelos humildes são documento bastante a *Rosa enfeitada* e a bella trilogia, infelizmente incompleta, de que fazem parte *Os velhos*, a *Triste viuvinha* e as *Comadres de Panoias*. O fidalgo, na resurreição da antiga nobreza de raça, uma unica vez surge na obra de D. João da Camara,—mas d'essa vez bem clara, bem luminosa, bem rasgada-



mente: — no «D. Fuas do Alcacere-Azôr». Só um verdadeiro e authenticico fidalgo poderia conceber e realisar semelhante criação,—que é um monumento. É atravez essa figura cavalheiresca e nobilissima, de cráneo tonsurado á Filipe II, gibão de camurça, golla de Flandres e acicates d'oiro, ao mesmo tempo galante e heroica, que pela primeira e unica vez se distingue, na obra do grande poeta, o desaparecido,—«em

campo verde, sentada sobre monte de sua côr, a torre de prata dos Camaras de Lobos,—marquezes da Ribeira, condes de Villa Franca, dona-

tarios e senhores, de S. Miguel, embaixadores, ministros, alcaides-môres e ouvidores geraes...

A MOCIDADE E OS

POETAS AMIGOS:

JOÃO DA CAMARA, MACEDO PA-

PANÇA E CESARIO VERDE

O POETA E A

MATHEMATICA

UMA CREATURA PHILOSOFICA E MYSTERIOSA

POESIA E TRISECÇÃO DO ANGULO

OS MANUSCRITOS

AS ABSTRAÇÕES ALGEBRICAS E AS PERSONAGENS DA MEIA NOITE

UM INADAPTADO A VISÃO DO JUÍZO

FINAL



Eminentemente arthritico, minado pelos estragos d'uma nephrite chronica, D. João da Camara, que na ultima quadra da sua vida se tornára pesado, lento, obeso, e cuja barba negra, revolta, quasi barbarica, começava a pratear aqui e acolá, fora em tempo, nos seus 20 annos, um galante e lindo moço. Quando voltou de Louvain, trigueiro, desempenado, beiços grossos, cabelo crespo e abundante, olhos cheios de brilho e de raça, parecia-se immenso com o Antonio de Macedo Papança, outro grande poeta, hoje conde

de Monsaraz. A semelhança era de tal ordem que os proprios amigos os confundiam. Era vulgar, quando o poeta das «Crepusculares», na força da mocidade e do talento, descia o Chiado, de jaqueta d'alamares á alemtejana, calça de belbuté e espóra de prata, chamarem-no de repente, com a maior familiaridade: «O João Ribeira!» Outro tanto succedia ao poeta do *D. Affonso VI*: punha o chapéu, atravessava a rua, e era logo atocarem-lhe no hombro:—«O Antonio Papança!» Finalmente, os dois poetas, que não se conheciam, encontraram-se uma noite no *Montanha*: a semelhança era tão flagrante que não foi necessaria apresentação. Co-





D. João da Camara em Louvain, com seus primos o conde de Caparica e Antonio d'Almeida Correia de Sá, em 1870

— D. João da Camara e Luiz G. Z. da Camara, em 1871

— D. João da Camara com o seu amigo Pilla de Castro, em 1871



O actor Augusto Rosa na « Triste Viúva »

(CLICHÉ DE BOBONE).

meçaram a rir e cahiram nos braços um do outro. D'ahi por diante, ficaram amigos; não era raro, por esse tempo, vê-los a ambos com o loiro e pallido Cesario Verde, cuja elegancia sobria e ingleza se vingava, cortejando *misses*, das longas semanas passadas a vender ferragens na loja do pae.

Entre aquellas duas elegancias — a elegancia viril e portugueza de Antonio Papança e a elegancia saxonica e fleumatica de Cesario, um d'Orsay pessimista, — João da Camara era a discordante nota da simplicidade. Fidalgo de nascimento, desprendido de tudo e especialmente da sua nobreza, alheia-se, por commodidade e por systema, de quanto significasse uma exterioridade inutil. O senso pratico da vida não era o seu forte. Apaixonado pela mathematica e pela litteratura, sempre distraído, sempre a pensar n'outra coisa, procurava constantemente ou a equação d'uma curva ou o fecho d'um soneto. Cesario tratava-o de « creatura philosophica e mysteriosa ». Absorviam-no os grandes problemas. A triseção do angulo, por exemplo, preocupou-o desde a mocidade até quasi aos ultimos annos de vida, como já preoccupára João de Deus: chegou a encontrar para ella, como o grande lyrico, um processo infallivel que procurava demonstrar analytica e trigonometricamente. Os seus manuscriptos litterarios (o borrão das *Comadres de Panoias* é característico) appareciam, quando os entregava, erçados de fórmulas e de desenvolvimentos de calculo. A semelhança do velho Hoffmann, que desenhava enquanto escrevia, João da Camara, durante a elaboração da phrase, punha curvas em equação. — « Quando chego a casa aborrecido, — dizia elle aos seus amigos mais intimos, — a unica coisa que me distrahe é traçar uma curva e resolvê-la. » O culto pela abstracção e pela formula, que faz dos grandes

mathematicos grandes poetas, era uma das caracteristicas do seu espirito naturalmente propenso ás congeminações philosophicas. D'ahi, o ar ás vezes vago, subtil, impenetravel, do auctor da *Meia Noite*, e o caracter especial de algumas das suas creações litterarias, que, como as figuras de *Chrysostomo* e do *Sursum-Corda*, não passam de puras abstracções, de



Retrato de 1887

(PHOT. CORREIA)



*D. João da Camarã e Francisco Figueiredo, 1872
— D. João da Camarã e sua esposa no auge do seu
casamento, 1874 (PHOT. J. R. DA SILVA, AZAMBUJA)—
D. João da Camarã, sua esposa e cunhado Francisco
de Mello Breyner, em 1875*

simples formulas vagas de sentimentos humanos. O proprio aspecto do poeta dava um pouco a impressão das figuras por elle mesmo creadas: dir-se-hia que aquelle homem singular, mysterioso, não era bem d'este mundo. Um certo caracter de inadaptação dominava a sua mentalidade. Era um deslocado, um desviado. Pertencia a um certo numero de creaturas que não se sabe se deveriam ter nascido n'uma época anterior, se posterior á nossa. A sua religiosidade taciturna do fidalgo portuguez do seculo XVIII, o seu mysticismo obscuro, pareciam penetrados d'um certo caracter de regressão que impressionava, e que não poderia talvez, exclusivamente, attribuir-se á tradição de familia e á influencia da educação jesuitica.

Fosse porém como fosse, a inadaptação era manifesta, — e ella foi a causa e o segredo da pouca felicidade do poeta. Nascido e creado junto de uma sociedade elevada e culta, fugiu d'essa sociedade, que o adorava. Lançado n'outro meio, a que por sangue e raça não pertencia, tendo de lutar, de viver, falharam-lhe as condições indispensaveis á lucta pela vida, — e passou pelo mundo sonhando, n'uma vaga abstracção de illuminado, entre formulas d'algebra e versos d'ouro, congeminando philosophias obscuras e derramando perdulariamente obras primas incompletas.

— «*Creatura philosophica e mysteriosa*» — lhe chamavam os seus amigos de ha trinta annos, impressionados pelo feito singular d'esse grande poeta que foi um santo: pois ainda hontem, trinta annos depois, a mesma impressão de impenetravel mysterio do minou os espiritos dos seus amigos d'agora, ao ouvil-o, sobre o leito da morte, n'uma allucinação immensa de espanto e de pavor, n'um verbo a um tempo illuminado e obscuro de propheticia, descrever os horrores do Juizo Final, a proxima catastrophie



Rosa Damasceno nos «Velhos» (CLICHÉ DE ROBONE).



*Retrato offerecido
ao seu amigo Frederico
Lemos*

(PHOT. SERRA)



*Trabalhando sob o arvo-
vedo do jardim
da Junqueira, 17 de julho
de 1907*

do Mundo que habitamos,
—e serenar apenas á for-
ça de hypnoticos, para
recalir passadas horas na
mais santa beatitude, reci-
tando versos á Virgem co-
mo uma creança...



JOÃO DA CAMARÁ E BO-
CAGE ♣ UMA BOHEMIA
DOLOROSA ♣ O GENIO D'UM NOCTI-
VAGO ♣ BOHEMIOS DE COSLELLAS
DE OURO: ANGEJA, D. THOMAZ DE
MELLO, D. CARTANO DE BRAGANÇA
♣ D. JOÃO E A ANECDOTA ♣ PAE-
SINHO QUER UM CAFÉ? ♣ O ACTOR
ALEGRIM E O CHAPÉU ALTO DO CON-
DE DA RIBEIRA ♣ OS LOBOS MU-
DADOS EM POMBAIS

Dizem que João da Camara foi um bohemio, um esternoitado, — digno de herdar o capotão de baeta azul e os sapatos de fivella de Bocage. Quem escreve estas rapidas impressões nunca o conheceu sob esse aspecto, — naturalmente porque só nos ultimos dez annos o conheceu. Recolhia muitas vezes altas horas, é certo, vagueava pelas ruas com os amigos, noites e noites, — porque recolher á cama era para elle um supplicio: uma horrorosa asthma torturava-o, affligia-o, fazia-o saltar do leito, vestir-se, sair pela porta fôrta, congestionado, a face róxá, n'uma ancia afflittiva d'ar. Em parte, por consequente, a sua bohemia era uma bohemia dolorosa. Mas não era só a doença que lhe indisciplinava a vida.

Elle proprio, pelo seu feito inadap-
tavel, era já a negação de toda a
disciplina, de todo o methodo,
de toda a ordem. Comparecer a

horas fixas na repartição, na escola, fôsse onde fôsse, era para o grande poeta o mais grave dos problemas a resolver. A pontualidade foi sempre uma das virtudes que elle mais admirou nos outros. Um nada o distrahia, um amigo o desviava, — e a sua placida figura, d'uma tranquillidade evangelica, deixava-se levar, presa d'uma anecdota ou de coisa nenhuma, vagueando na mesma rua, no mesmo passeio, na mesma livraria, horas e horas, noites e noites. Dir-se-hia que uma pa-
résia da vontade o inhibia de seguir o caminho que as conveniências e as necessidades da vida lhe traçavam. Havia ás vezes, nos seus movimen-
tos, nas suas resoluções, a indecisão de um abulico. E assim, elle, que era a extrema correcção, a extrema fidalguia, a extrema bondade, que ti-
nha do dever a noção clara e illuminada de um justo, — perdeu por falta de assiduidade o seu
logar na Companhia Real, e raras vezes compa-
recia na repartição de que era chefe. Ao contra-
rio da independência selvagem de Bocage, que, de

bicorne hollandez descaído sobre a orelha, dizia ao ministro Sea-
bra, que lhe offerencia um logar:
«Guarde-o o senhor, que não me
concern», — a inadaptação de João da Camara significava uma lu-
cta, e essa lucta um esforço no-
bre e generoso. Mas como havia
o grande poeta de vêr claro na
materialidade estúpida d'este
mundo, se a poeira d'ouro do
sonho lhe velava os olhos? Evi-
dentemente, tinha de seguir o seu
destino, — e de ser o que real-



*D. João da Camara em Castello de Vido,
com os seus companheiros de trabalho no ramal
de Caceres (1878)*

mente foi, o que não podia deixar de ter sido: a negação de todo o espirito pratico, uma creatura desarmada perante todas as fraquezas e com o coração aberto para todas as bondades.

Os actores João Rosa e Joaquim Costa n'«Os Velhos»
(PHOT. DE BORONE).



Retrato de 19 de maio de 1907

Como de resto succede ás figuras que se isolam, por inadaptação, ou se desintegram, por systema, da multidão de que fazem parte, — João da Camara pertence, pela face mais pittoresca da sua individualidade, não á historia, — mas á anecdotia, que é a consagração e a alma da historia. O seu genio noctívago, o seu amor tradicional pela «horta», a sua pacifica extravagancia de fidalgo-artista que procurava no contacto do povo os seus motivos d'arte, approximaram-no de um grupo já quasi desaparecido de bohemios velhos e na sua maioria illustres, — o marquez d'Angéja, Julio Mardel, o Pinturas, D. Thomaz de Mello, D. Caetano de Bragança, D. Segismundo, — e crearam-lhe, n'essa bohemia de costella dourada, um lugar de principe, — ia quasi a dizer: um lugar de santo. São innumeras as anecdotas que se contam do poeta dos *Velhos*, — como innumeras eram as anecdotas que elle contava de toda a gente, no seu eterno sorriso d'uma ironia seraphica, docemente, enrolando um cigarro e olhando por cima da luneta.

Gervasio Lobato, D. João da Camara e Lopes de Mendonça

(PHOT. DE BORONE).





Augusto Rosa no «Alcacer Kôbir»
(CLICHÉ BOBONE).



D. João da Camara e o curso de arte dramática do Conservatório, em 1906



Brazão n'«Os velhos»
(PHOT. BOBONE)



Rosa Damasceno no «D. Affonso VI»
(PHOT. BOBONE)



Grupo tirado por ocasião da representação do Zé Palombo, em que figuram os autores, Lopes de Mendonça, D. João da Camara e Gervasio Lobato, e os intérpretes, actores Gomes, João Rosa, Valle, Augusto de Mello e Taborda, as actrizes Jesuina e Amélia da Silveira e a cantora Helena Theodorini

(PHOT. BOBONE)



Rosa Damasceno no «D. Affonso VI»
(PHOT. BOBONE)

Mas, — coisa curiosa! — ao passo que as aneddotas do marquez d'Angeja, por exemplo, esse grande fidalgo que



D. João da Camara — (PHOTOGRAPHADO POR EDUARDO BRAZÃO)

para pegar ás varas d'ouro do pallio punha a El-Rei a condição de não calçar luvas, revestem o aspecto de *bonitates* de mau gosto e significam quasi sempre uma rebelião declarada contra o espirito de raça. — as aneddotas de D. João da Camara, pelo contrario, cheias d'uma grande doçura, d'uma grande nobreza, revelam-nos o caracter do poeta na sua mais luminosa, na sua mais elevada expressão humana: a bondade, — uma tranquilla bondade de justo, uma suprema beatitude do santo, que se diria

herdada do espirito religioso da familia, mas que á força de anachronismo, — digamol-o assim, — pelas circunstancias que a revestiam, pela sua incompatibilidade com as mais elementares noções do senso pratico, tomava um caracter irresistivelmente comico, uma expressão singular que se diria contradictoria com o sentimento que a originava. E entretanto, — pobre D. João! — quanto amargor de lagrimas não ha no fundo d'essas aneddotas de bondade, que fazem rir quem o conhece mal, e marejam os olhos de quem lhe apertou uma vez a mão d'amigo! Todas ellas teem por motivo essencial o amparo dos desvalidos, a piedade pelos pobres; todas se tecem em volta de uma esmola ou d'uma lagrima: em todas uma figura desprotegida passa, cheia de humildade e de ternura, a quem o poeta faz a suprema caridade da sua pobreza. Como a sua obra, — a sua vida está cheia de humildes. O pobre D. João, elle, que empenhava o seu theatro para viver dia a dia, — tinha ás vezes a grandiosidade de um Bispo esmoler-mór. A quem escreve estas linhas nunca esquecerá o episodio commovedoramente hilariante de certa preta velha, miseravel, andrajosa, que uma noite de chuva e de frio, no Aterro, perto da uma hora da madrugada, estendeu a mão ao poeta, pedindo-lhe esmola:

— *Paesinho, dá cinco réis?*

João da Camara, que morava no palacio dos marquezes da Ribeira e recolhido n'uma porta esperava o americano para regressar a casa, metteu a mão ao bolso: tinha apenas um tostão, um modesto e apagado tostãozinho de nickel, o indispensavel para pagar a passagem até á Junqueira. Pensou em trocal-o, em qualquer loja, em qualquer kiosque; era já tarde, tudo estava fechado. Que fazer? Entretanto, a velha tremia, descarnada, embrulhada n'um chale rito, e estendia a mão negra sob a chuva que chia continuamente, implacavel:

— *Paesinho, cinco réis p'ra aguardente, que está tanto frio!*

Tinha um tostão apenas? Que importava! O poeta não hesitou. Ao sentimento puro da caridade, que existia innato



Grupo tirado na noite da recita do auctor do «Commissario de Policia»

Primeiro plano: srs. Jorge Victor, Lopes de Mendonça, João da Camara, Caetano Alberto, Raphael Bordallo, D. José da Camara. Segundo plano: srs. Eça Leal, Lorrô Tavares, Agostinho Franco, Schwalbach, Augusto de Mello, actor Augusto de Mello, C. Ribeiro da Silva, Dr. Pedroso de Lima, Moura Cabral, Acacio Antunes, Augusto Lobato (CLICHÉ BOBONE)



no fundo do seu caracter, repugnava, para subir para o conforto d'um carro que o levaria ao conforto de um leito, deixar sem esmola aquella pobre velha. O ultimo electrico passou, n'uma vertigem, rangendo e detonando nos rails molhados. Em vez de o fazer parar, D. João da Camara chamou a preta, deu-lhe o tostão,—toda a sua riqueza n'aquella noite,—e resignadamente, docemente, n'um sorriso tranquillo, levantou a gola do casaco, arregaçou as calças e meteu-se á chuva, a pé, a caminho da Junqueira. Logo a preta, radiante, vendo a moeda á luz do candieiro, e correndo atraz de D. João, cuja figura humilde e curvada, debaixo da chuva, patinhava tristemente a lama:

—*O paesinho! Quer tomar um café?*

E como esta, quantas outras historias de caridade simples, ingénua, delicada! Todos aquelles que acompanharam os ultimos annos do admiravel poeta dos *Velhos*, sabem em quantos thesouros de bondade elle sedesentranhava, com quanto carinho protegia os seus discipulos do Conservatorio, pobres todos como elle, todos humildes como, na sua fidalguia quasi real, era humilde o mestre. Entre todos, aquelle que mais paternal estima mereceu ao grande poeta foi sem duvida o moço actor Alegnim, para o qual D. João da Camara escreveu *O dorminhoco*. Um dia, já depois de sahido dos Caetanos

e de escripturado no Gymnasio, distribuiram-lhe um papel que exigia casaca e chapéu alto. O pobre Alegnim, que nunca possuira semelhantes trastes e que era pobre como a pobreza, correu logo, afflictissimo, a casa do seu illustre professor e protector.

—Então que foi, Alegnim?

—Ora, sr. D. João! Eu já estava á espera d'isto.

—E para quando é?—perguntou o poeta.

—E' já para esta noite! E' uma substituição!

E o pobre rapaz arrepellava-se, chorava quasi, quando o querido morto, no seu eterno sorriso tranquillo, enrolando o seu eterno cigarro, o socegou:

—Não faz mal, Alegnim. Emprasto-te eu a minha casaca. A respeito do chapéu é que estamos peor. Só tenho em casa o do meu irmão...

—O do sr. conde?

—Eu emprasto-t'ó, mas vê lá sem'o estragas...

Estava resolvida a difficuldade. N'essa noite Alegnim representava—honra excepcional!—enfiaando nos braços a casaca de D. João Zarco da Camara, e espetando na cabeça o chapéu alto do conde da Ribeira!

Pois não é verdade que sobre o tumulto do grande poeta da *Triste Viuzinha*, *os dois lobos que ladeam em campo veraz a torre de prata das camaras* se deveriam mudar em pombas?

JULIO DANTAS.



Uma scena da «Rosa Encolada» — Outra scena da «Rosa Encolada» (Abelina Abranches e Ernesto Valle) — (CLICHES DA PHOT. FERNANDES)